

Educando em tempos de pandemia: imagens como micropolíticas de desobediência epistêmica às epistemologias modernas e humanistas do Norte Global

Educating in times of pandemic: images as micropolitics of epistemic disobedience to the modern and humanist epistemologies of the Global North

Daniel de Mello FERRAZ*

Souzana MIZAN**

RESUMO: Nesse artigo, arriscamo-nos a ler a atualidade a partir de imagens que foram publicadas nas mídias sociais durante a crise da pandemia. Por meio de questionamentos das linhas abissais (SOUSA SANTOS, 2007) imbuídas e naturalizadas pelos projetos da Modernidade e do Humanismo, o artigo discute de que maneiras a natureza invadiu, em meio à pandemia, o “lado de cá” das linhas abissais modernas. A terceira seção explora o vírus não democrático, problematizando as linhas abissais das diferenças sociais de classe para na seguinte complexificar as linhas abissais entre a supremacia branca e o genocídio negro, demonstrando que não superamos essa crise histórica da humanidade. A seção cinco investiga as linhas abissais entre o acesso à educação e a perpetuação de um projeto de educação que firma a negação de sua existência. Nas considerações finais, explicamos as razões que nos levam a conceber essas imagens como micropolíticas processuais que têm o potencial de construir “novos modos de subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p, 30) e advogamos por uma pedagogia de letramento visual e suas micropolíticas e por uma virada epistêmica nas noções de “crise”.

PALAVRAS-CHAVE: Pandemia. Modernidade. Humanismo. Educação.

ABSTRACT: In this article, we take the risk of reading the contemporary world based on images that were published on social media during the pandemic crisis. By questioning the abyssal lines (SOUSA SANTOS, 2007) imbued and naturalized by the projects of Modernity and Humanism, the article discusses the ways in which nature invaded, in the middle of the pandemic, “this side” of the modern abyssal lines. The third section explores the undemocratic virus, by problematizing the abyssal lines of social class differences. Then, in order to further complexify the abyssal lines between white supremacy and black genocide, the next section demonstrates that we have not overcome this historical crisis of humanity. Section five investigates the abyssal lines between access to education and the perpetuation of a project for education that secures the denial of its existence. In the conclusion, we explain the reasons that make us conceive these images as procedural micropolitics that have the potential to construct “new modes of subjectivity” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p, 30) and suggest a pedagogy of visual literacy and its micropolitics and an epistemic turn in the notions of “crisis”.

KEYWORDS: Pandemic. Modernity. Humanism. Education.

* Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo / Brasil. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8483-2423> e e-mail para contato danielfe@usp.br.

** Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), São Paulo, São Paulo / Brasil. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-8818-5403> e e-mail para contato souzana.mizan@unifesp.br.

1 Introdução: decolonizando noções modernas de crise

Yet in fact modernity is a surprisingly simple deal. The entire contract can be summarized in a single phrase: humans agree to give up meanings in exchange for power.

Harari, Homo Deus.

A razão indolente (SOUSA SANTOS, 2002, p. 237) dominou os três pilares das sociedades no Norte Global – modernidade, humanismo e ciência - e colaborou para a produção de não-existência de tudo que essa razão colocou do outro lado das linhas abissais; uma metáfora usada pelo sociólogo português para se referir a tudo que escapa da norma e que o homem moderno objetificou. Dessa maneira, a modernidade propiciou “a consolidação do império e nações/impérios na Europa, um discurso que constrói a ideia de Ocidentalismo, a subjugação de povos e culturas, e os contradiscursos e movimentos sociais que resistem à expansão Euro-Americana” (MIGNOLO, 2000, p. 107¹). A modernidade impulsionou um Humanismo fabricado como “O antídoto para uma existência sem sentido e sem leis”, em que os papéis deus-homem são invertidos e espera-se que o homem dê sentido ao universo (HARARI, 2017, p. 259). Entretanto, o grande triunfo do Norte Global é a ciência, a alta tecnologia e a conectividade, quais sejam, os resultados magistrais da modernidade e do humanismo, provas concretas de que o *Sapiens* deu certo.

E repentinamente, a humanidade está vivendo uma crise sanitária, que apesar de não ser uma realidade nova para os humanos, que já atravessaram pandemias de poliomielite, cólera, peste negra e outras pragas, é inédita para a maioria absoluta dos habitantes atuais da Terra. A ciência, tão desprezada por ministros da educação, terraplanistas e negacionistas de plantão, mobilizou-se como nunca antes, reforçando nesse período de crise sanitária o papel importante da pesquisa científica. A pandemia de um vírus letal ameaça principalmente pessoas idosas e portadores de doenças, mas atinge também pessoas mais novas sem histórico de patologias.

¹ Optamos por traduzir para a língua portuguesa somente as citações com menos de três linhas. As citações com mais de quatro linhas adentradas não serão traduzidas. Meu intuito é incentivar o translanguismo/translingualismo.

Para além dessas questões, essa crise de saúde e de higiene ainda é acompanhada por um impacto negativo na economia, porque exige o distanciamento social, inviabiliza a realização de algumas atividades comerciais pela impossibilidade de interação humana. Em outras palavras, o confinamento restringiu a movimentação física das pessoas, obrigando-as a trabalhar e estudar remotamente, criando ofícios que podem ser desenvolvidos à distância, prejudicando outros que não conseguiram se adequar à modalidade remota. Os desdobramentos econômicos dessa crise levaram muitos governos, incluindo o governo brasileiro, a criar uma postura negacionista da realidade atual, ridicularizando as mortes, inventando remédios milagrosos e apressando a abertura do confinamento que leva a uma “imunidade de rebanho” ou imunidade coletiva natural que vem à custa de muitas mortes.

Entretanto, a crise econômica não seria uma fase nova na economia mundial, uma vez que os nossos governos baseiam-se no discurso da crise econômica e financeira desde os anos 80. Nesse pacote de medidas de contenção do cenário da crise anunciada pelos governos, ocorre a alteração das regras, cada vez mais duras, para a aposentadoria dos cidadãos e a dificuldade do acesso à saúde e à educação, consequência dos constantes cortes nas verbas que os governos destinam para esses setores.

Nessa perspectiva analítica, Sousa Santos (2020), no livro que publicou ainda no começo da pandemia, *A cruel pedagogia do vírus*, aponta essa crise financeira constante das sociedades capitalistas:

Desde a década de 1980— à medida que o neoliberalismo se foi impondo como a versão dominante do capitalismo e este se foi sujeitando mais e mais à lógica do sector financeiro—, o mundo tem vivido em permanente estado de crise... a crise financeira permanente é utilizada para explicar os cortes nas políticas sociais (saúde, educação, previdência social) ou a degradação dos salários. (SOUSA SANTOS, 2020, p. 5)

Outro resultado da crise permanente da ganância humana é a crise ambiental que os governos tentam negar, alegando que a transição para uma economia ecologicamente responsável irá parar o “desenvolvimento”. Infelizmente, parece que nada é capaz de desacelerar ou interromper a catástrofe ecológica que está se tornando cada vez mais iminente. Nesse cenário ambiental, o vírus e sua propagação jogaram para o esquecimento o vazamento de óleo que atingiu 2.000 quilômetros do litoral nordestino brasileiro no fim de 2019, o rompimento de barragem em Brumadinho que soterrou 270 vidas humanas debaixo de um mar de lama tóxica no início de 2019, o rompimento de barragem em

Mariana e sua lama chegando no Rio Doce - cujas águas abastecem muitas populações ribeirinhas e originárias-, e a constante devastação da floresta Amazônica.

No que se refere à floresta Amazônica, o Presidente Bolsonaro² declarou que ela é símbolo do país, em um anúncio em julho de 2020, já em momento pandêmico. Depois negou os fatos de que a floresta estivesse sofrendo queimadas criminosas, afirmando que a floresta não pega fogo porque é úmida e “é o índio que provoca incêndio”. A este comentário, o Presidente ainda acrescentou que o fogo atinge somente a periferia (provavelmente se referindo à periferia da floresta).

Contextualmente, esse pronunciamento ocorreu em crítica ao decreto que o presidente teve que assinar no qual se proibiria queimadas por 120 dias na Amazônia. A matéria assinada apresenta-se contrária ao desejo do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles que, numa reunião ministerial em abril de 2020, sugeriu que

enquanto estamos nesse momento de tranquilidade no aspecto de cobertura de imprensa, porque só fala de COVID e ir passando a boiada e mudando todo o regramento e simplificando normas. De IPHAN, de ministério da Agricultura, de ministério de Meio Ambiente, de ministério disso, de ministério daquilo. (COSTA, 2020)

Uma outra concepção da crise, que pode ser de grande valia para a compreensão da atualidade, é apresentada por Ricoeur (1994) na sua conferência sobre a crise da consciência histórica e a Europa. O filósofo francês demonstra uma crise do *Cogito* cartesiano e, como um mestre da hermenêutica da suspeita, questiona o homem da Modernidade; representado como um ser a-histórico e desenraizado que cria verdades abstratas e falsamente universais.

Por sua vez, a consciência do *Cogito* revela-se como narcisista e de uma subjetividade radical que se considera pura e inocente. Um dos resultados mais preciosos da crença nesse *Cogito* é a ciência moderna como representação objetiva de uma mente abstrata. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a Modernidade produziu uma crise por introduzir verdades supostamente objetivas no cerne da mente subjetiva:

Mas do mesmo modo em que é preciso passar da memória-repetição à memória-recordação, à memória-crítica, é preciso ousar passar da

² Amazônia não pega fogo porque ‘é úmida’ e ‘índio provoca incêndio’. **O Tempo**. Belo Horizonte, 16 de jul. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/bolsonaro-amazonia-nao-pega-fogo-porque-e-umida-e-indio-provoca-incendio-1.2360934>. Acesso em: 10 ago 2020.

simples mescla a uma verdadeira troca ativa das memórias. É a maneira mais eficaz de relatar *de outra forma*: passar pelo relato dos outros para compreender a nós mesmos, ler nossa história com olhos de historiadores pertencentes a outros povos que não o nosso, talvez até mesmo a outras grandes culturas que não tenham participado do entrelaçamento evocado antes entre as culturas fundadoras da Europa contemporânea, esta é a imensa tarefa à qual deve se propor uma terapia da memória europeia (RICOEUR, 1994, p. 92).

Ricoeur, apesar de ser um filósofo francês, consegue causar uma descentralização do seu pensamento inevitavelmente eurocêntrico, buscando na sua hermenêutica da suspeita abrir caminhos para outras interpretações da história humana que não sejam apenas as universais, mas também as locais e situadas. Esse percurso é de suma importância, pois suspeitar abriria espaço para possíveis questionamentos, problematizações, resistência e transformação dos sentidos historicamente consagrados, ou seja, viabilizaria lugar para outros sentidos. Nesse raciocínio, outros sopros gradativamente “empurrariam” os sentidos “antigos” para uma ruptura/crise no *habitus* interpretativo (MONTE MÓR, 1999) dos intérpretes (FERRAZ, MIZAN, 2019).

Necessariamente o *Cogito* revela uma consciência mais dialógica quando procura conhecer o desconhecido através das trocas de memórias com historiadores que pertencem a outros povos que não sejam europeus e que sofreram pelo colonialismo e antropocentrismo eurocêntrico. Essas trocas, obrigatoriamente, envolvem o processo de tradução, pois “traduzir é ao mesmo tempo transcrever, transpor, deslocar, transferir e, portanto, transportar transformando” (LATOURE, 2016, p. 30).

Neste artigo apesar de aceitarmos que, aparentemente, não seja fácil estudar a realidade enquanto ela está em curso, arriscamo-nos a ler a atualidade a partir de imagens que foram publicadas nas mídias sociais durante a crise pandêmica de 2020. Em nossa análise, identificamos que a crise a qual a humanidade está vivendo criou as suas raízes nos projetos coloniais, patriarcais, racistas e capitalistas do século 16, que permitiram a apropriação de terras, povos e culturas pela mente europeia com o propósito de criar hierarquizações e subordinações que levariam o lucro e o mercado a crescer constantemente. Por meio de questionamentos das linhas abissais (SOUSA SANTOS, 2007) imbuídas e naturalizadas pelos projetos da Modernidade e do Humanismo, este artigo discute, após esta introdução, como a natureza invadiu, em meio à pandemia, o “lado de cá” das linhas abissais modernas.

Na seção 3 exploramos o cenário do vírus não democrático, problematizando as linhas abissais das diferenças sociais de classe. A partir das reflexões promovidas, na

seção seguinte, complexificamos as linhas abissais entre a supremacia branca e o genocídio negro, demonstrando que não superamos essa crise histórica da humanidade. Na sequência, a seção 5 investiga as linhas abissais entre o acesso à educação e a perpetuação de um projeto de educação que firma a negação de sua existência. Por fim, nas considerações finais, explicamos as razões que nos levam a conceber essas imagens como micropolíticas processuais que têm o potencial de construir “novos modos de subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p, 30) e advogamos por uma pedagogia de letramento visual e suas micropolíticas e por uma virada epistêmica nas noções de “crise”.

2 A natureza invadindo o “lado de cá” das linhas abissais modernas

Os casos são tantos que não caberiam em simples nota. Um país que já exerceu a liderança internacional em encontros de cúpula vinculados à questão ambiental é hoje vilão ambiental, pária na comunidade de nações.

Nota de repúdio, Associação dos Professores de Direito Ambiental no Brasil³.

As hierarquizações e subordinações de terras, povos, línguas e culturas que foram a base do sucesso do projeto imperialista europeu criaram linhas abissais (SOUSA SANTOS, 2002, p. 237) que valorizam somente as epistemologias do Norte, uma metáfora sobre conhecimentos “universais”, normativos e homogeneizantes que a Europa e a América do Norte legitimaram e decretaram como verdades absolutas. São as epistemologias do Norte que orientam o pensamento de governantes autoritários, como o *Trump* nos Estados Unidos da América e o Bolsonaro no Brasil. Não é coincidência o fato de ambos terem ganhado as eleições usando o *Twitter* para se comunicar com o povo e, mesmo após eleitos presidentes, seguiram propagando um discurso de ódio à diferença, uma retomada da ideia da negação da ciência, uma resistência à necessidade da preservação ambiental e o fazer de uma necropolítica (MBEMBE, 2019) durante a pandemia, ou seja, eles usam o seu poder de Estado para justificar matar pessoas, o outro cuja vida permanece precarizada com valor menor ou nulo.

³ Disponível em: <https://www.revista-pub.org/post/24052020>. Acesso em 10 ago 2020.

Diante dessa contextualização, apresentamos duas releituras, em meme, uma da pintura de René Magritte *A traição das imagens*, e a outra da obra, de Leonardo da Vinci, *O homem Vitruviano* (imagens 1 e 2 abaixo). Os dois exercícios artísticos promovem mais uma “volta no parafuso” nas ideias construídas historicamente dentro de sistemas de representação que comunicam certos significados, como defendemos a seguir.

O primeiro meme apresentado abaixo realiza a substituição do cachimbo da pintura de Magritte pela imagem do perfil de Jair Bolsonaro. A leitura desse texto evidencia a expansão do sistema de representação e dos códigos, pois permitem traduzir conceitos históricos e sociais “em linguagem – e vice-versa. Esses códigos, que são cruciais para o sentido e para a representação, não existem na natureza, mas são resultado de convenções sociais” (HALL, 2016, p. 54). Em análise dessa imagem, somos afetados por elementos verbais e não-verbais que nos remetem à falta de liderança no nosso país em tempos pandêmicos, devido ao período de postagem/criação do meme e pela referência do atual presidente do Brasil.

Do outro lado, o meme na Figura 2 promove uma paródia à consagrada referência ao renascentismo em que ocorre o deslocamento da centralidade teológica para a antropocêntrica, aliando-se à crença na racionalidade humana como o motor da ciência. Porém, segundo Sousa Santos, essa racionalidade transformou-se em razão indolente, presa nos seus próprios sistemas de representação e códigos estabelecidos. Em termos descritivos, “O rolezinho diário do Homem Virusiano” apresenta Jair Messias Bolsonaro (messias, também, como um ser entre deus e o humano) irado, nu e preso em um círculo cuja forma faz referência ao Covid-19. Os elementos não-verbais que constroem a referida imagem corroboram o caráter irônico do meme, pois o único item que compõe o vestuário do personagem são os sapatos, para ele poder realizar os seus papéis durante a pandemia. Essa observação, contextualmente lida em momento pandêmico, ironiza o acessório de proteção aos pés do presidente Bolsonaro para os rolezinhos realizados sem máscara, promovendo aglomerações para apertos de mãos e registros fotográficos na modalidade *selfie*. Atenta-se, ainda, para o fato do rolezinho estar desenhado da direita para a esquerda, contrariando a linha positiva da ordem crescente e sucessória temporal.

Figura 1⁴ - Releitura do Magritte

Fonte: Site Jornalistas livres

Figura 2⁵ - Releitura do Leonardo da Vinci

Fonte: Site Brasil 247

Crises trazem batalhas de narrativas travadas na atualidade entre, de um lado, governantes, que apoiados por pesquisas acadêmicas financiadas por indústrias, corporações e empresas multinacionais defendem que o aquecimento global não está em curso (Figura 4) e, do outro lado, movimentos ambientalistas e sociais que enxergam que o antropoceno, ou seja, a era geológica que os humanos habitam Gaia, está chegando no seu fim. O negacionismo em relação à ciência e a propagação de ideias medievais sobre o nosso planeta estão refletidas no *meme* abaixo (Figura 3) publicado no *Facebook* no início de 2020. Descritivamente, a imagem destaca a ferrugem, a aparência desgastada do mapa e o globo em forma de cubo para representar o nosso planeta. O referido *meme* faz referência a uma corrente terraplanista, que é combatida com ações e pesquisas realizadas pelo ensino superior público no Brasil. A partir disso, analisamos esse texto como uma crítica ao Ministério de Educação, chefiado pelo então ministro Abraham Weintraub, que atacou as Universidades Federais veementemente; apesar de ele próprio ser um professor federal - pois bem, o Brasil de 2020 é uma distopia nunca antes imaginada -. O mesmo ministro da educação – sem educação – foi indicado para ser o representante do Brasil no Banco Mundial e assumiu o cargo nos EUA; uma vez que aqui no Brasil, ele enfrenta pelo menos dois processos judiciais - e assim a roda quadrada gira.

⁴Fonte: <https://www.facebook.com/jornalistaslivres/photos/a.292153227575228/1676788509111686/?type>

≡3

⁵ Fonte: <https://www.brasil247.com/charges/homem-virusiano>

Figura 3⁶ - O “globo” terraplanista

Começa a chegar às escolas material de apoio para as aulas de Geografia, enviado pelo MEC.



Fonte: Facebook

Figura 4⁷: O mundo afundando

Fonte: Site Fast Company

Outra convicção formada dentro das epistemologias neoliberais do Norte é que a natureza é um recurso. Nessa máxima, *Gaia* e seus saberes pertencem, junto com tudo que foi avaliado como subalterno por ser objeto de interesse do sujeito moderno, ao lado de lá das linhas abissais. O reflexo desse monopólio pode ser observado nos questionamentos da mente cartesiana humanista quanto ao fato de zonas terrestres estarem prestes de serem engolidas pelo mar, cujo nível está em constante ascensão enquanto as geleiras polares estão derretendo. A Figura 4 é um grafite em Londres, atribuído eventualmente ao artista Banksy, que representa irônica e simultaneamente as duas narrativas conflitantes sobre mudança climática.

A desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2008) pode nos ensinar sobre as sociedades, pensadas até agora como somente os humanos entre si⁸ (LATOURE, 2020) nas ciências sociais de viés europeu. Defendemos que as sociedades modernas devem se mobilizar em direção a preservação de tudo que o homem cartesiano, neoliberal, colonizador e racista colocou do lado de lá da linha abissal, tudo, em tese, que não tem a forma humana do homem cartesiano, ou seja, animais, natureza, clima, espíritos e povos da floresta entre tantos outros seres.

Parece tão óbvio afirmar que se o progresso e o crescimento destruírem o ecossistema, o custo será caríssimo, um processo sem volta. “Um colapso ecológico causará ruína econômica, turbulência política, uma queda nos padrões de vida humanos e pode ameaçar a própria existência da civilização humana” (HARARI, 2017, p. 249).

⁶ Fonte: Facebook, autor

⁷ Fonte: <https://www.fastcompany.com/90185896/street-artist-banksy-takes-on-global-warming>

⁸ Fonte: <http://agbcampinas.com.br/site/2020/bruno-latour-a-crise-sanitaria-incentiva-a-nos-prepararmos-para-as-mudancas-climaticas/>

A desobediência epistêmica deve suscitar micropolíticas de poder (GUATTARI; ROLNIK, 1996) de sujeitos que evitam reproduzir modelos de ensino e de formação humana que se fundamentam na norma, no universal e no canônico. Os indivíduos conectados a essa postura atrevem-se a pôr em prática os seus agenciamentos com o propósito de resistir a sistemas de reprodução de uma subjetividade dominante. Essa afirmação está consonante ao estudo de Mignolo (2008), na defesa de que “a opção decolonial é epistêmica” (p. 290) e de que “a identidade **na** política é crucial para opção descolonial⁹” (p. 289). Na mesma perspectiva, encontram-se Guattari e Rolnik (1996):

As pessoas que, nos sistemas terapêuticos ou na universidade, se consideram simples depositárias ou canais de transmissão de um saber científico, só por isso já fizeram uma opção reacionária. Seja qual for sua inocência ou boa vontade, elas ocupam efetivamente uma posição de reforço dos sistemas de produção da subjetividade dominante (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 29).

Na Figura 4, em que apresenta o muro de uma casa parcialmente submerso na água, é possível ler “Eu não acredito em aquecimento global¹⁰”. As letras do elemento verbal mencionado estão desaparecendo do campo de visão do leitor/observador, acentuando o movimento de naufrágio do imóvel representado. A partir dessa descrição, os elementos em destaque constroem de forma imagética a batalha de narrativas travadas desde os anos 60-70 em que há a recusa de entendimento do ambiente como elemento fundamental da vida humana na Terra.

O negar desse fato apresentado na Figura 4 é uma estrutura vigente até os dias atuais e muitos cientistas avaliam que essa postura acarretará em uma pandemia das muitas pandemias que virão, no contexto de derretimento das geleiras polares e das formações permanentes de gelo. As evidências científicas apontam que a liquefação das geleiras pode desencadear a soltura de “patógenos emergentes” (RODRIGUES et al., 2020) desconhecidos. Para além da iminência de novas doenças, com a mudança climática, muitas espécies estão perdendo os seus *habitats*, condenando-as à extinção.

A Figura 5 e a Figura 6, porém, evidenciam que a pandemia também possibilitou ensinamentos aos humanos.

⁹ Os termos “decolonial e “descolonial” usados neste artigo tem significados similares. No Brasil, preferimos o termo “decolonial”, mas os escritores latino-americanos como Mignolo, citado neste artigo, têm preferência para o termo “descolonial”.

¹⁰ Tradução nossa.

Figura 5¹¹ - Uma raposa no meio da cidade

Fonte: Site My Agia Paraskevi

Figura 6¹² - Leões tomando sol

Fonte: Site Huff Post Brasil

Uma das consequências positivas da primeira fase do isolamento, em locais com maior adesão população, foi a diminuição da poluição atmosférica. A atenuação abrupta do trânsito e dos congestionamentos levou os moradores urbanos a apreciar um céu azul limpo da poluição durante o dia e uma lua majestosa num céu estrelado durante a noite. O silêncio nos bairros urbanos lembrou os habitantes da cidade os sons dos passarinhos na madrugada e, às vezes, tornou alguns de nós testemunhas de travessias de linhas abissais de animais restritos a áreas longe das moradias humanas, como as Figuras 5 e 6 nos mostram.

Na primeira imagem há uma raposa está tomando sol no bairro de Agia Paraskevi em Atenas, Grécia. Na segunda, leões tomam conta de estradas na África do Sul. A respeito dos registros, é interessante observar que nos dois casos, da raposa e dos leões, os jornalistas relatam que depois da ousada travessia das linhas abissais, esses animais considerados “selvagens” pela espécie humana se permitem “tomar sol” no meio da cidade.

¹¹ Fonte: <http://myagiaparaskevi.gr/eidiseis/4266-alepoy-liazetai-gravias-kai-agiou-ioannou>

¹² Fonte: https://www.huffpostbrasil.com/entry/lions-in-south-africa-lazily-sun-on-road-absent-of-tourists_n_5e99bea8c5b6c45259d5b24a?ri18n=true

3 O vírus não é democrático: as linhas abissais das diferenças sociais de classe

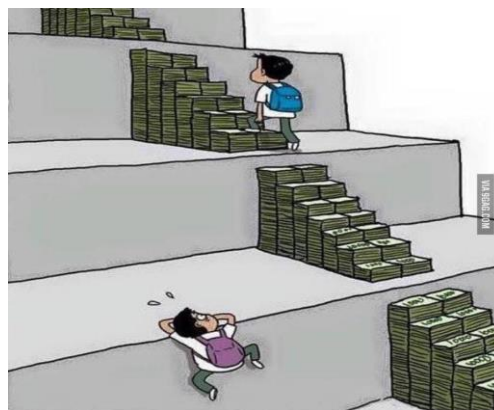


Figura-epígrafe 7¹³: Desigualdades

Uma das perspectivas que surgiram logo depois do começo da pandemia é que o vírus é democrático. Sousa Santos (2020) afirma que essa compreensão se deve à etimologia da palavra “pandemia”: “Sabemos que a pandemia não é cega e tem alvos privilegiados, mas mesmo assim cria-se com ela uma consciência de comunhão planetária, de algum modo democrática. A etimologia do termo pandemia diz isso mesmo: todo o povo”. (p. 7).

Pelo princípio de agente biológico, em princípio, o vírus da Covid19 deve afetar todo mundo da mesma maneira. Porém, em uma sociedade como a brasileira com desigualdades sociais e econômicas enraizadas, um perfil social desse agente biológico surge com toda a sua força. Esse movimento perverso e histórico, dá-se pelos indicadores de acesso à saneamento básico e à água potável, a hospitais qualificados e à alimentação saudável, à segurança pública e possibilidade reorganização de emprego remotamente em período de isolamento.

O meme na Figura 8, abaixo, opera uma micropolítica da justaposição imagética de raças para evidenciar as desigualdades sociais e o poder de acesso e de aquisição de bens necessários durante a pandemia, como a máscara. A primeira foto usada no meme foi postada no *Instagram* pelo apresentador Luciano Huck com a legenda: “É comum ouvirmos que ‘todos estamos no mesmo barco’ durante a pandemia. Mas isso não é verdade. Estamos no mesmo mar, mas os barcos não são iguais. As condições que cada um tem para enfrentar esse momento são muito diferentes”. Quem produziu o meme

¹³ Fonte: <https://br.pinterest.com/tayncosta/desigualdade-social/>

recicla a frase de pedido de solidariedade do Huck e contrapõe a imagem do homem usando uma máscara confeccionada com uma sacola de lixo a uma foto do Russo Tair Marassulvo, em Paris, usando uma máscara (provavelmente produzida por ele mesmo) com o logo da marca francesa Louis Vuitton e em frente da loja da grife. Em análise, a realidade social emerge nessa justaposição como “tapa na cara” na materialidade do discurso imagético que narra realidades opostas vividas por comunidades sociais durante a propagação do “vírus democrático”.

Figura 8¹⁴ - O vírus não é democrático



Fonte: TV Foco e Revista Marie Claire

Figura 9¹⁵ - Classes sociais



Fonte: Facebook

Retomando a postagem de Luciano Huck, não estamos no mesmo barco, pois, como assevera Faria (2020), “o vírus não pode ser democrático porque a sociedade não é”:

As expectativas vão se alterar dentro da própria cidade. Você vive tão mais ou tão menos a depender de suas condições de vida. O que o vírus faz é apenas refletir a sociedade já posta. As coisas não acontecem ao acaso nos espaços. O modo como nós nascemos e morremos depende muito do lugar em que vivemos, das condições que temos. É por isso que a expectativa de vida jamais será a mesma entre os lugares.¹⁶

¹⁴ Fonte: o meme justapõe duas imagens: <https://www.otvfoco.com.br/luciano-huck-expoe-imagem-devastadora-gera-comocao/>, <https://revistamarieclaire.globo.com/Moda/noticia/2020/03/em-meio-surto-de-coronavirus-fashionistas-usam-mascaras-grifadas.html>

¹⁵ Fonte: Facebook autor

¹⁶ Fonte: <https://www.sedufsm.org.br/index.php?secao=noticias&id=5855>

Assim, ficamos sabendo que a taxa de cura da Covid-19 é 50% maior em hospitais privados¹⁷, que a periferia concentra mais mortes por COVID abaixo dos 65 anos¹⁸, que o COVID é mais letal em regiões da periferia do Brasil¹⁹ e que nas periferias de São Paulo o novo Corona vírus é 10 vezes mais letal²⁰.

Outro fator que evidencia a não democratização da pandemia é que o confinamento das pessoas em suas casas levou os cidadãos, que trabalhavam na rua, como camelôs, marreteiros e ambulantes do comércio informal, a também ficarem em casa ou não terem o fluxo de capital necessário para a subsistência. Para Sousa Santos (2020), isso não é um fenômeno novo:

Há muito tempo que os vendedores vivem em quarentena na rua, mas na rua com gente. O impedimento de trabalhar para os que vendem nos mercados informais das grandes urbes significa que potencialmente milhões de pessoas não terão dinheiro sequer para acorrer às unidades de saúde se caírem doentes ou para comprar desinfetante para as mãos e sabão. Quem tem fome não pode ter a veleidade de comprar sabão e água a preços que começam a sofrer o peso da especulação. Noutros contextos, os uberizados da economia informal que entregam comida e encomendas ao domicílio. São eles que garantem a quarentena de muitos, mas para isso não se podem proteger com ela. O seu «negócio» vai aumentar tanto quanto o risco (SOUSA SANTOS, 2020, p. 22).

Consoante à tese do excerto acima, no caso da pandemia iniciada em 2020, os trabalhadores do setor de entregas por aplicativos abasteceram a população com comida e compras, evidenciando um cenário de precarização do ofício em questão.

Em contraponto, a charge (Figura 9) retrata a população que podia trabalhar em casa durante o confinamento e que aproveitou esse período para cuidar dos filhos, descansar e tirar *selfies* e até para tocar música nas sacadas, como aconteceu principalmente na Itália. Toda essa disponibilidade acontecia enquanto os trabalhadores de aplicativos cruzavam as ruas para entregar os bens solicitados, colocando, desse modo, a própria vida em jogo. Diante da configuração, esses trabalhadores desenvolveram uma consciência política e começaram a reivindicar os seus direitos, realizando paralizações durante a pandemia.

¹⁷ Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/taxa-de-cura-da-covid-19-e-50-maior-em-hospitais-privados.shtml>

¹⁸ Fonte: <https://agora.folha.uol.com.br/sao-paulo/2020/07/periferia-concentra-mais-mortes-por-covid-abaixo-dos-65-anos.shtml>

¹⁹ Fonte: <https://oglobo.globo.com/sociedade/covid-19-mais-letal-em-regioes-de-periferia-no-brasil-1-24407520>

²⁰ Fonte: <https://br.noticias.yahoo.com/covid-19-nas-periferias-de-sao-paulo-novo-coronavirus-e-10-x-mais-letal-083010191.html>

A imunidade de “rebanho sem vacina” não é democrática. Não falta sequer a obliteração de grande número de trabalhadores invisíveis forçados a trabalhar para que os outros pudessem continuar a se esconder em suas casas – sem esquecer os imigrantes, impossíveis de acomodar (LATOUR, 2020).

Como destaca a citação de Latour, os entregadores, que movimentaram o comércio durante o isolamento, estavam correndo um risco coletivo dividido à alta interação e deslocamento entre os espaços urbanos.

Figura 10²¹ - sem ministro da saúde



Fonte: Twitter Bruno Melo

Figura 11²² - Comunismo



Fonte: Site Diário do Centro do Mundo

Como elementos argumentadores de uma pandemia não democrática, os memes representados nas Figuras 10 e 11 entraram para o jogo da política nacional negacionista e neoliberal. As produções dos referidos memes estão contextualizados ao cenário discursivo e postural do presidente brasileiro em relação ao vírus letal, contrariando constantemente as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS) e do Ministério da Saúde - enquanto tínhamos ministro da saúde. Em pretensa exemplificação desse contexto, seguem algumas frases do Jair Bolsonaro que menosprezam tanto o vírus quanto o povo brasileiro: “O que está errado é a histeria, como se fosse o fim do mundo. Uma nação como o Brasil só estará livre quando certo número de pessoas for infectado e criar anticorpos” (17/3); “Depois da facada, não vai ser uma gripezinha que vai me derrubar, tá ok?” (20/3); “São raros os casos fatais de pessoas sãs com menos de 40 anos” (24/3); “O brasileiro tem de ser estudado, não pega nada. O cara pula em esgoto, sai,

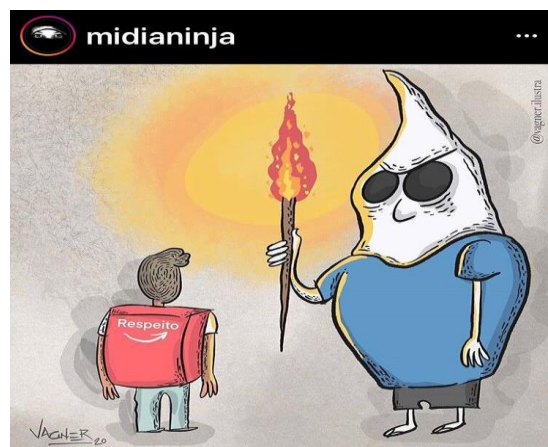
²¹ Fonte: <https://twitter.com/brunnomelocbn/status/1269804528838336512?lang=ar>

²² Fonte: <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/caiu-na-rede-ensaio-sobre-a-cegueira/>

mergulha e não acontece nada.” (26/3); “O povo foi enganado esse tempo todo sobre o vírus” (26/3); “Alguns vão morrer? Vão, ué, lamento. É a vida. Você não pode parar uma fábrica de automóveis porque há mortes nas estradas todos os anos”. (27/3); “Quarenta dias depois, parece que está começando a ir embora essa questão do vírus” (12/4); “Eu não sou coeiro, tá certo?” (20/4)²³.

A charge na Figura 11 comenta a batalha de narrativas travada entre a ciência e as *fake news* notadamente no Brasil dos dias de hoje. Em descrição, o oftalmologista na charge está mostrando a conhecida, há mais de um século, tabela de letras de Snellen, em referência ao teste que mede a percepção visual à distância. Apesar das letras expostas não terem significado algum, ou seja, não são signos nesse caso, o paciente, cujo patriotismo é ironizado na camisa de seleção brasileira que os bolsonaristas se apropriaram, enxerga comunismo. A polarização comunista e capitalista (característica da organização social quando da Guerra Fria e de cidadãos neoliberais) tem sido outra fonte de ataque a quem se coloca em oposição ao governo nacional. E, nas palavras de Camilo Vannuchi, colunista do UOL: “A lista de comunistas elaborada pelas mentes criativas das hostes bolsonaristas cresce a cada dia. Na cosmogonia presidencial, além da Folha e do Grupo Globo, compõem o rol o youtuber Felipe Neto, o médico Drauzio Varella, a ONU, a OMS, o Papa Francisco e até a Brastemp. Sim, a Brastemp!”²⁴

4 Linhas abissais entre a supremacia branca e o genocídio negro: uma crise histórica da humanidade



²³ Disponível em: <https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/25-perolas-de-bolsonaro-sobre-a-pandemia-e-contando/>. Acesso em 10 ago 2020.

²⁴ Fonte: <https://noticias.uol.com.br/colunas/camilo-vannuchi/2020/05/28/que-ameaca-comunista-e-esta-de-que-o-governo-tanto-fala.htm>

Imagem-epígrafe 12²⁵: “Você tem inveja disso aqui”, disse o branco da elite ao motoboy Matheus, apontando para a sua pele branca.

Nas peremptórias palavras de Nascimento (2019, p. 336), “é exatamente porque o negro, e o racismo por consequência, são uma criação dos brancos, que os brancos devem ser os responsáveis pelo seu fim”. Diante disso, poderíamos pensar que o racismo e o colonialismo marcaram a história da humanidade e que já foram eliminados. Porém, durante a crise da pandemia presenciamos novas ondas de violência institucional, com policiais agredindo as populações negras e pobres não só aqui no Brasil, mas nos EUA também. Os casos mais chocantes foram do George Floyd em Minneapolis e do João Pedro²⁶ em São Gonçalo no Rio. No primeiro caso, George Floyd foi assassinado pelo policial branco que colocou o seu joelho na nuca de Floyd e recusou-se a tirá-lo dali por quase 9 minutos, apesar das suplicações do homem negro, matando-o. A mesma linha violenta é observada no caso do menino João Pedro de 14 anos, que estava brincando com seus primos quando a polícia invadiu sua casa e o atingiu na barriga. Depois de socorrer o menino de helicóptero e proibir o acompanhamento dos pais, a família teve que mobilizar as redes sociais para ter informações sobre o menino. Foram 17 horas a procura por João Pedro.

Outro caso de violência simbólica de viés racista, é o que aconteceu com o menino Miguel, em Recife. Miguel perdeu a vida caindo do 9º andar de um prédio de luxo, onde sua mãe trabalha como doméstica. Enquanto a mãe passeava com o cachorro e a patroa fazia as unhas (atividade não recomendada durante a pandemia), o menino decidiu procurar a mãe e, a patroa, em função disso, colocou o menino de 5 anos no elevador sozinho para ele descer e procurar a mãe. Mas, antes disso, a patroa apertou o 9º andar. O menino subiu e caiu.

²⁵ Fonte:

<https://www.facebook.com/MidiaNINJA/photos/a.164308700393950/1943611365796999/?type=3>

²⁶ O adolescente João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, foi morto durante uma operação conjunta das polícias Federal e Civil no Complexo de favelas do Salgueiro, em São Gonçalo, Região Metropolitana do Rio de Janeiro. O crime aconteceu na noite do dia 18 de maio deste ano. João brincava em casa com amigos quando, segundo familiares, policiais entraram atirando. O menino foi atingido por um disparo de fuzil na barriga e socorrido de helicóptero, mas não resistiu. Fonte: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/12/30/como-esta-aquele-caso-joao-pedro-adolescente-morto-em-conjunto-de-favelas-no-rj.ghtml>

Figura 13²⁷ - As diferentes versões do “Não consigo respirar”

Fonte: France 24

Figura 14²⁸ - Pouco se lixando da morte do Miguel

Fonte: Pretitudes

Esses fatos trágicos estão registrados nas Figuras 13 e 14. Na Figura 13, o discurso dos brancos negacionistas da Covid-19, tanto na América do Norte como no Brasil, resistente ao uso das máscaras na justificativa de não conseguir respirar. Essa mesma frase ganha sentidos completamente diferentes na boca de George Floyd. Floyd repetiu essa mesma frase inúmeras vezes antes de morrer asfixiado debaixo da pressão de um joelho branco. Essas imagens (e o assassinato) representam toda a opressão e as injustiças sociais, raciais e econômicas que a colonização e escravidão produziram. Diante de cenários violentos e racistas, a tese de Nascimento (2019), que também convoca Frantz Fanon, salienta que são respostas à concepção de que “os negros não só herdaram o peso colonial do racismo, mas também a culpa por terem sido escravizados”.

Nesse sentido, Harsin (2020, p. 3, tradução nossa) conjectura que há uma agressividade branca, masculina e tóxica que propaga fenômenos de pós-verdades, tais como a belicosidade das “fake News, boatos, besteiras, mentiras, conspirações, desinformações e debates acalorados em torno do medo e do pânico”. O autor chama esse movimento de *emo-truth* (emoção-verdade ou emo-verdade), qual seja, um fenômeno que pode ser visto pelas lentes de emoção agressiva e masculinidade dos perpetradores. Tal perspectiva permite ler as performances políticas de emo-verdade como exemplos da agressão das masculinidades tóxicas. No âmbito da produção desses discursos e ações, a masculinidade problemática exibida em algumas respostas populares à COVID-19

²⁷ Fonte: <https://www.france24.com/en/americas/20200529-papers-still-separate-and-unequal-us-cartoonists-on-the-death-of-george-floyd>

²⁸ Fonte: Pretitudes/Instagram

(HARSIN, 2020), por exemplo Trump e Bolsonaro, está ainda associada à força física (“tenho histórico de atleta”), conquista sexual (“usar máscara é coisa de veado”), uma falta de emoções significando vulnerabilidade (exceto agressivas), dominação, controle e violência (“e daí? eu não sou coveiro”).

Na Figura 12 há uma representação visual da patroa da mãe do Miguel que está pouco se importando pela perda da vida do menino negro. Não há muito o que dizer dessa imagem (e do assassinato), a não ser dar as mãos a Nascimento (2019, p. 335) e chorar: “Eu quero mesmo é chorar, tanto como intelectual quanto como escritor negro, o luto pelo sumiço de vários de mim que se perderam ao longo do caminho”. O racismo, foi moldado dentro do humanismo moderno (SAID, 2004) e coloca o ser humano no centro de seu estudo, mas opta por uma certa definição do que é o humano, criando, desse modo, a categorização de sociedades humanas em hierarquias de raça.

Mignolo (2008) também disserta a esse respeito:

Os critérios não mencionados para o valor das vidas humanas são um óbvio sinal (de uma interpretação descolonial) de política escondida de identidade imperial: quer dizer, o valor de vidas humanas a qual pertence a vida do enunciador, se torna uma vara de medida para avaliar outras vidas humanas que não têm opção intelectual e poder institucional para contar a história e classificar os eventos de acordo com uma classificação de vidas humanas: ou seja, de acordo com uma classificação racista (MIGNOLO, 2008, p. 294).

Desse modo, o projeto humanista não somente colaborou com o guinada do humano, em nosso caso o Homo Sapiens, mas também determinou quais humanos mereceram contar as suas histórias: “O humanismo merece a nossa crítica porque ele desumanizou o mundo inteiro em nome de uma branquitude angloeurocêntrica, que destruiu o projeto de modernidade com as mãos sujas de sangue do colonialismo e do capitalismo” (NASCIMENTO, 2019, p. 334), ou seja, foi “o projeto que transformou os brancos em humanos e todos os negros em animais” (Ibid.). Apesar do humanismo, a opção decolonial assegura que

Felizmente, a opção descolonial concede à concepção da reprodução da vida que vem de Damnés, na terminologia de Frantz Fanon, ou seja, da perspectiva da maioria das pessoas do planeta cujas vidas foram declaradas dispensáveis, cuja dignidade foi humilhada, cujos corpos foram usados como força de trabalho: reprodução de vida aqui é um conceito que emerge dos afros escravizados e dos indígenas na formação de uma economia capitalista, e que se estende à reprodução da morte através da expansão imperial do ocidente e do crescimento da economia capitalista. Essa é a opção descolonial que alimenta o

pensamento descolonial ao imaginar um mundo no qual muitos mundos podem co-existir (MIGNOLO, 2008, p. 296).

5 Linhas abissais entre o acesso à educação e a negação de sua existência



Imagem-epígrafe 15²⁹: Meme sobre a escola.

É preciso defender a escola no Brasil. Com o cenário altamente negacionista e retrógrado, em que o projeto de seu desmonte se dá por meio de ameaças de projetos como o Escola sem Partido, por meio da implementação de projetos como o Plano Nacional de Alfabetização ou ainda por meio de projetos de militarização com a criação de escolas cívico-militares (estes últimos, aclamados por aqueles que desejam o retorno do militarismo, da censura e do chicote), é essencial lembrar que “Os anos escolares são uma fonte de medo para todos os que procuram perpetuar o velho mundo ou para aqueles que têm uma clara ideia de como um mundo novo ou futuro pode parecer” (MASSCHLEIN; SIMONS, 2017, p. 2). Assim,

Nós nos recusamos, firmemente, a endossar a condenação da escola. Ao contrário, defendemos a sua absolvição. Acreditamos que é exatamente hoje – numa época em que muitos condenam a escola como desajeitada frente à realidade moderna e outros até mesmo parecem querer abandoná-la completamente – que o que a escola é e o que ela faz se torna claro (MASSCHELEIN; SIMONS, 2017, p. 1).

Em meio à pandemia, tornar claras as dificuldades que os jovens aprendizes, principalmente os das classes sociais desprivilegiadas, enfrentam e lutar para que todos tenham acesso à educação, é papel da escola. Entender que “alguns atores na indústria educacional tecnológica estão tratando a crise como uma oportunidade de negócios” por meio do intenso *marketing* de produtos a professores e a escolas (WILLIAMSON et al, 2020, p. 108), é papel da escola. Outrossim, entender que “Os mercados há muito tempo são uma preocupação central da indústria global de tecnologia educacional” e que “a

²⁹ Fonte:

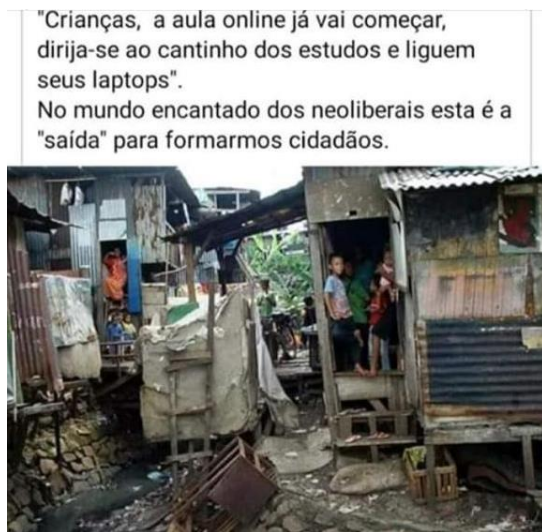
<https://www.facebook.com/alfamarama/photos/a.541995495910137/2734065720036426/?type=3>

pandemia pode ter apresentado oportunidades de negócios notáveis para fins lucrativos, bem como maior influência sobre as práticas de educação” são nossa resistência enquanto educadores. Assim é que, em meio à pandemia, uma análise da economia política da plataforma educacional sugere a necessidade de muita cautela em relação à expansão da educação tecnológica e de outras empresas de plataforma durante a pandemia de Corona vírus (WILLIAMSON et al, 2020).

No momento, a educação pública foi descentralizada à força nas casas dos próprios alunos, amplamente desagregada das instituições e de práticas de educação e, em vez disso, reposicionada como uma forma de educação domiciliar mediada por ferramentas de tecnologia, empresas educacionais e outras instituições (Ibid.), ou o que muitos vêm chamando de ensino remoto, e não EaD.

As crises institucionais e da pandemia não criaram a educação neoliberal ou a desigualdade em termos de oportunidades educacionais no país, mas certamente as escancararam:

Figura 16³⁰ - Desigualdade



Fonte: Facebook

Figura 17³¹: Educação neoliberal



Fonte: Campanha Nacional pelo Direto a Educação

As Figuras 16 e 17 acima são impactantes. E tristes para todos aqueles que se encontram do outro lado das linhas abissais, quais sejam, os invisíveis e subalternizados por um sistema capitalista neoliberal que desumaniza o Outro. Uma maneira de olhar para esse contexto de subalternidade, segundo Hooks (2003, p. xiii, tradução nossa), é uma convocação, tal qual *Black lives matter*, os movimentos políticos de massa em que se

³⁰ Fonte: Facebook autor

³¹ Fonte: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

“convoque os cidadãos para lutar pela democracia e pelo direito de todos à educação; ainda, que se lute contra todas as formas de dominação”. Com isso, Hooks defende que a escola seja um local em que “os alunos não sejam doutrinados para apoiar o patriarcado imperialista branco e supremacista” (p. xiii).

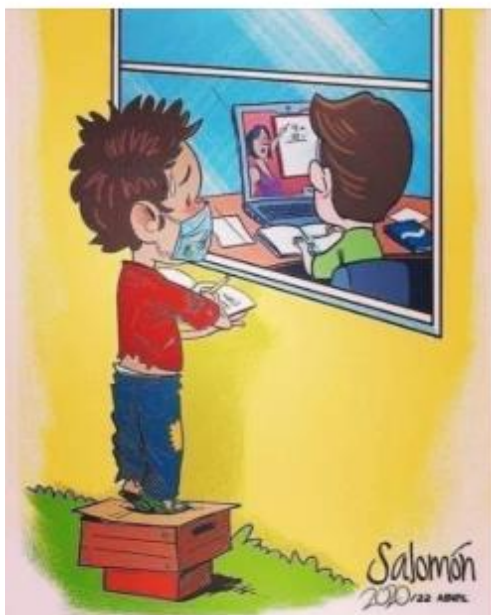
Diante dessas constatações, a lição urgente a ser aprendida é, nos entendimentos de Sousa Santos (2020, p. 24), a seguinte:

Enquanto modelo social, o capitalismo não tem futuro. Em particular, a sua versão actualmente vigente— o neoliberalismo combinado com o domínio do capital financeiro – está social e politicamente desacreditada em face da tragédia a que conduziu a sociedade global e cujas consequências são mais evidentes do que nunca neste momento de crise humanitária global.

Assim, ousaríamos afirmar que enfrentamos um grande mecanismo global em que tudo se resume a um sistema capitalista autodestrutivo em que poucos têm muito e muitos têm pouquíssimo, ou quase nada. Retomando Masschelein e Simons, é por isso que precisamos defender e lutar pela escola. Talvez seja por meio dela, e somente por meio dela, que poderemos algum dia vislumbrar cidadãos mais críticos, participativos e ativos na construção de relações equânimes:

Figura 18³² - Desigualdade

Desigualdade social e as aulas em EAD.



Fonte: Campanha Nacional pelo Direito a Educação

Figura 19³³ - O trabalho infantil

O neoliberalismo não só sangra o Brasil atual, destrói também o sonho de toda a próxima geração!



Fonte: Facebook

³² Fonte: <https://campanha.org.br/noticias/2020/04/28/dia-da-educacao-em-tempos-de-pandemia-com-decisoes-de-olhos-vendados-para-realidade-nao-e-facil-comemorar/>

³³ Fonte: Facebook autor

As Figuras 18 e 19, embora similares às 17 e 18, são reiteraões propositais da esperança freiriana por dias melhores, por um país melhor, por uma educação crítica em que nossos estudantes não naturalizem as mais de 100.000 mortes na pandemia da COVID-19, o desmonte do sistema de universidades federais, a afronta e descrença em relação às ciências, o desgoverno vexatório, despreparado e macabro demonstrado no famoso vídeo da reunião ministerial, o tratamento aos indígenas e a destruição da Amazônia, a subserviência a Trump e à bandeira estadunidense, a discriminação aberta à comunidade LGBTQIA+. E a roda quadrada gira; e as epistemologias do Norte Global seguem nos habitando.

6 Considerações finais: Por uma virada epistêmica nas noções de “crise” e por uma pedagogia de letramentos visuais e suas micropolíticas



Imagem-epígrafe 20³⁴: O ar mais limpo nas cidades

Ao encerrar este texto, defendemos que a educação, tanto em tempos de pandemia quanto em tempos de suposta normalidade, crie espaços que fomentem a opção decolonial na forma de desobediência epistêmica às epistemologias do Norte Global que alimentam, por sua vez, a ascensão da extrema direita nacional. Para além desses argumentos, as epistemologias do Norte Global insistem em ensinar o que consideram conhecimento universal, normativo, neutro, científico e descorporificado. Tais bandeiras exigem uma ruptura na Linguística Tradicional, provocam a Linguística Aplicada para uma postura cada vez mais indisciplinar (MOITA LOPES, 2006, p. 26), transgressiva (PENNYCOOK, 2006, p. 82), baseada na atitude de desaprendizagem (FABRÍCIO, 2006, p. 59) e desconstrução (MAKONI & MEINHOF, 2006, p. 192) de noções modernas de

³⁴ Fonte: <https://www.facebook.com/photo.php?fbid=3061608897228798&set=pb.100001391544747.-2207520000..&type=3>

língua. Mignolo (2008) relaciona a decolonialidade à desobediência epistêmica da descorporificação da língua pelas epistemologias modernas:

Ao ligar a descolonialidade com a identidade em política, a opção descolonial revela a identidade escondida sob a pretensão de teorias democráticas universais ao mesmo tempo que constrói identidades racializadas que foram erigidas pela hegemonia das categorias de pensamento, histórias e experiências do ocidente (mais uma vez, fundamentos gregos e latinos de razão moderna/ imperial) (p. 297).

Retomamos também que, a crise em termos financeiros, apesar de estar evidenciada na contemporaneidade como um momento de transição entre uma fase de prosperidade e outra de depressão, neste artigo preferimos usar crise para se referir a tempos em que a ordem estabelecida (política, educacional, religiosa, ideológica etc.) está sendo questionada. Nos casos deste trabalho, a metáfora das epistemologias do Sul Global constrói a oposição com as epistemologias modernas e humanistas do Norte Global, que nos processos de colonização capitalista e patriarcal estabeleceram linhas abissais modernas que eliminam a diferença produzindo, assim, uma crise por introduzir verdades supostamente objetivas no cerne da mente subjetiva (RICOEUR, 1994).

Destacamos também que nos aventuramos em uma leitura da realidade durante a pandemia a partir de uma variedade de gêneros híbridos, como memes, charges e fotos, que foram publicadas nas mídias sociais e que apontam para leituras de mundo que rompem com acepções universalistas, quais sejam, narrativas modernas e neoliberais sobre o aquecimento global, a preservação do meio ambiente, a crise que vivemos, o presidente que (des)governa, a desigualdade racial, econômica e digital que se agravou na pandemia e a cosmogonia terraplanista. Lamentavelmente, estamos também vivenciando uma crise no nível do individual que revela que as epistemologias do Norte Global afetam emocionalmente os sujeitos que acabam se alinhando com a extrema direita nacional, comportamento que se filiam à bancada ruralista, à bancada evangélica e à bancada da bala.

A partir dos exercícios analíticos, entendemos que para conviver com as crises da modernidade e do humanismo é preciso “uma política de representação na qual o poder está na comunidade e não no Estado ou em qualquer outra instituição administrativa equivalente” (MIGNOLO, 2008, p. 298). Nesse sentido, as charges, fotos e memes que tecem a nossa narrativa como saberes que surgem de epistemologias do Sul Global constituem-se como vozes que buscam cruzar as linhas abissais invisíveis que dividem o mundo em universos distintos. Ainda, afirmamos nosso olhar para essas imagens como

concepção de micropolíticas processuais que têm o potencial de construir “novos modos de subjetividade” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p, 30).

A garantia de uma micropolítica processual só pode - e deve - ser encontrada a cada passo, a partir dos agenciamentos que a constituem, na invenção de modos de referência, de modos de práxis. Invenção que permita, ao mesmo tempo, elucidar um campo de subjetivação e intervir efetivamente nesse campo, tanto em seu interior como em suas relações com o exterior. Para o profissional do social, tudo depende de sua capacidade de se articular com os agenciamentos de enunciação que assumam sua responsabilidade no plano micropolítico.

Embora, em nossa percepção, as imagens como possibilidades de letramentos visuais na educação linguística, tanto em língua materna quanto em línguas estrangeiras, não tenham sido estabelecidas como parte do currículo ou como práticas pedagógicas visuais correntes na formação escolar, a esperança é que as imagens aqui discutidas fomentem agenciamentos outros, a partir de cada subjetividade, de cada contexto, de cada aula. Que possamos, inclusive, debater sobre outras interpretações das imagens aqui discutidas. Esse talvez seja o cerne das ações de formação docente em meio à pandemia (e depois dela): resta-nos agir por meio das micropolíticas, incentivando as agências ativas e participativas de discentes, docentes e de todos os envolvidos na escola. Podemos, ainda nas micropolíticas, reconhecer as subjetividades e os processos únicos de subjetificação de cada discente. Além disso, podemos, se desejarmos, discutir como cada um de nossos estudantes se veem e veem para além do humano soberano, evoluído e poderoso ilusoriamente construído pelo humanismo universal:

Figura 21³⁵ - Gaia



Fonte: trending.com blog

³⁵ Fonte:

<https://www.facebook.com/trendingcomblog/photos/a.392089094540186/893481271067630/?type=3>

Tem-se, nessa reflexão, a mudança radical introduzida pelos questionamentos dos projetos da modernidade e do humanismo mostra que os Sapiens, especialmente os que se alinham ao capitalismo desenfreado e consumismo, não deram certo. A Figura final pode ser lida de muitas formas: uma apologia romântica à mãe-natureza, uma “seita ambiental” europeia mandando um recado para o presidente, um *slogan* do Greenpeace, uma propaganda de empresa ecológica, um recado – elegante – de Gaia. Quaisquer que sejam as interpretações, a imagem pode nos lembrar que o decolonial refuta a ideia ocidental de que “as vidas humanas podem ser descartadas por razões estratégicas e da civilização da morte (comércio escravo massivo, fomes, guerras, genocídios e eliminação das diferenças a qualquer custo) (MIGNOLO, 2008, p. 315-316) ao mesmo tempo em que defende “a comemoração da vida no planeta, incluindo organismos humanos que têm sido “separados” da natureza na cosmologia da modernidade europeia” (MIGNOLO, 2008, p. 315-316), e essa é uma diferença no pensamento decolonial.

Por fim, ainda a partir da última imagem, Gaia e os humanos, encerramos este texto com alguns aprendizados que, segundo Sousa Santos (2020), são possíveis nesse momento: 1. Podemos “ficar em casa e voltar a ter tempo para ler um livro e passar mais tempo com os filhos; 2. Podemos e deveríamos “consumir menos, dispensar o vício de passar o tempo nos centros comerciais, olhando para o que está à venda e esquecendo tudo o que se quer, mas que só se pode obter por outros meios que não a compra”. Assim é que “a ideia conservadora de que não há alternativa ao modo de vida imposto pelo hipercapitalismo em que vivemos cai por terra” (SOUSA SANTOS, 2020, p. 6).

Referências Bibliográficas

COSTA, A. G. Ministro do Meio Ambiente sugere ‘passar boiada’, enquanto o foco é coronavírus. CNN, São Paulo, 22 de maio 2020. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/2020/05/22/ministro-do-meio-ambiente-sugere-passar-boiada-enquanto-o-foco-e-coronavirus>. Acesso em: 10 ago 2020.

FABRÍCIO, B. F. Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

FERRAZ, D. M.; MIZAN, S. Visual culture through the looking glass: vision and revision of representation through genealogy and cultural translation. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 58, n. 3, p. 1375-1401, 2019. DOI: <https://www.scielo.br/j/tla/a/dy4F7nD8Sqc8thMyYFghcsz/?lang=en>.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.

HALL, S. **Cultura e representação**. Trad. Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.

HARARI, Y. N. **Homo Deus: A brief history of tomorrow**. New York: Penguin Random House Company, 2017. <https://doi.org/10.17104/9783406704024>

HARSIN, J. Toxic White masculinity, post-truth politics and the COVID-19 infodemic. **European Journal of Cultural Studies**, p.1-9, 2020. <https://doi.org/10.1177/1367549420944934>

HOOKS, B. **Teaching Community: A pedagogy of hope**. New York: Routledge, 2003.

LATOUR, B. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. Trad. Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora 34, 2016, 216 p.

LATOUR, B. A Crise Sanitária Incentiva a nos Preparamos para as Mudanças Climáticas. Tradução Gustavo Teramatsu, Luciano Duarte e Wagner Nabarro. **Le Monde**, 25 de março 2020.

MAKONI, S. & MEINHOF, U. Linguística Aplicada na África: Desconstruindo a Noção de Língua. In: MOITA LOPES, L.P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Editora Parábola, 2006.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola**: uma questão pública. 2ª Ed. Trad. Cristina Antunes. São Paulo: Autêntica, 2017.

MBEMBE, A. **Necropolitics**. Trans. Steven Corcoran. Durham & London: Duke University Press, 2019. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1131298>

MIGNOLO, W, D. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Traduzido por: Ângela Lopes Norte. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324, 2008.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 279 p, 2006.

MONTE MÓR, W. **Linguagem e Leitura da Realidade**: Outros olhos, Outras Vozes. 1999. Tese (Doutorado em Linguagem e Educação) – Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

NASCIMENTO, G. Os brancos saberão resistir? **Revista da ABPN**, v. 11, n. 28 • mar – mai, p.331-347, 2019. <https://doi.org/10.31418/2177-2770.2019.v11.n.28.p301-347>

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.) **Por uma linguística aplicada INdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

RICOEUR, P. A crise da consciência histórica e a Europa. Tradução Carlos Thadeu C. de Oliveira. **Lua Nova**, São Paulo, n. 33, p. 87-95, agosto, 1994. <https://doi.org/10.1590/S0102-64451994000200007>

RODRIGUES, A. M; DELLA TERRA, P. P.; GREMIÃO, I. D. F.; PEREIRA, S. A.; OROFINO-COSTA, R.; CAMARGO, Z. P. The threat of emerging and re-emerging

pathogenic *Sporothrix* species. **Mycopathologia**, v. X, p. X, 2020.
<https://doi.org/10.1201/b22205-11>

SAID, E. W. **Humanismo e crítica democrática**. trans. Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUSA SANTOS, B. S. Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63, outubro, 2002, p. 237-280.
<https://doi.org/10.4000/rccs.1285>

SOUSA SANTOS, B. S. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. **Novos Estudos** 79, novembro 2007. <https://doi.org/10.1590/S0101-33002007000300004>

SOUSA SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.
<https://doi.org/10.2307/j.ctv1gm01nn>

WILLIAMSON, B., EYNON, R., & POTTER, J. Pandemic politics, pedagogies and practices: digital technologies and distance education during the coronavirus emergency. **Learning, Media and Technology**, 45(2), 107-114, 2020.
<https://doi.org/10.1080/17439884.2020.1761641>

Sites pesquisados:

Amazônia não pega fogo porque ‘é úmida’ e ‘índio provoca incêndio’. **O Tempo**. Belo Horizonte, 16 de jul. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/bolsonaro-amazonia-nao-pega-fogo-porque-e-umida-e-indio-provoca-incendio-1.2360934>. Acesso em: 10 ago 2020.

Bibliografia consultada:

PRATT, M. L. Decolonization: who needs it? **Language, Culture and Society** 1:1, 2019, pp. 120–125. <https://doi.org/10.1075/lcs.00007.pra>

TAKAKI, N. H.; FERRAZ, D. M.; MIZAN, S. Repensando a educação linguística com contribuições de Ricoeur e Monte Mór. **Pensares em revista**, v. 1, p. 22-46, 2019.

VELTEN, P. Alcibíadis Bolsominium Humanus. **Revista PUB de Estudos Interdisciplinares**, p. 1-4, 2020. Disponível em: <https://www.revista-pub.org/post/05062020> Acesso em: 10 ago 2020.

Artigo recebido em: 06.02.2021 Artigo aprovado em: 13.06.2021 Artigo publicado em: 30.06.2021